



CICLO DE ALFABETIZAÇÃO E NARRATIVAS INFANTIS: AS VOZES E A ESCRITA

Izaura dos Santos Almeida (1); Gabriela Carvalho Pereira(1); Jocelis Amaral Gabriel(2); Tatiane Rodrigues Souza (3); Orientadora: Rejany dos Santos Dominick (4)

Universidade Federal Fluminense, izaura8almeida@hotmail.com

Resumo: O trabalho em questão discorre sobre o recorte da pesquisa intitulada “Ciclo de Alfabetização e narrativas: um diálogo possível entre tecnologias instituintes” e tem como objetivo apresentar um estudo realizado em campo por meio do instrumento metodológico Roda de Conversa, quando se trabalhou as narrativas e escrita infantis. A metodologia empregada foi inicialmente a pesquisa bibliográfica com um breve histórico do Ciclo de Alfabetização no município estudado e a seguir a implementação de uma Roda de Conversa, uma tecnologia tradicional, em uma turma de segundo ano de escolaridade com o tema “Alimentação saudável”. Na referida atividade onde houve espaço para que a linguagem oral das crianças e o trabalho concomitantemente com o registro da escrita. Com base nos pressupostos da filosofia histórico-cultural a alfabetização considerada como um processo nos baseamos em Vygotsky (1988) Soares (2004) e Warschauer (2011, 2017). O estudo conclui que a RC enquanto instrumento metodológico, propicia o desenvolvimento da linguagem oral da criança, bem como potencializa o processo de alfabetização, uma vez que, favorece a escrita espontânea contextualizada em um tema de interesse.

Palavras-chave: Ciclo de Alfabetização, Roda de Conversa, Narrativas Infantis.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de discorrer sobre o recorte da pesquisa intitulada “Ciclo de Alfabetização e Narrativas: um diálogo possível entre tecnologias instituintes.”, que é desenvolvida em uma escola da rede municipal de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, no bairro Campos Elíseos. O trabalho está articulado ao Projeto de Extensão “As tecnologias na formação do pedagogo e nos anos iniciais: artes de fazer e fazer-se professor 2017” (Registrada no SIGPROJ sob o número 255670.1395.28426.06022017).

A Baixada Fluminense, onde é desenvolvida essa pesquisa, faz parte da região metropolitana do Rio de Janeiro. Embora esteja próxima a segunda maior capital do país, as treze cidades que a compõem apresentam altos índices de desemprego, violência e falta de infraestrutura para atender a uma população aproximada de 3,73 milhões de habitantes e seus municípios são conhecidos como cidades-dormitórios.

O bairro Campos Elíseos fica distante aproximadamente quinze quilômetros do centro

da cidade e embora a localidade necessite de saneamento básico, infraestrutura, espaços de lazer e emprego para a comunidade, é onde situa-se a Reduc (Refinaria de Duque de Caxias), que é responsável por injetar grande riquezas para o país com a produção de petróleo. A escola pesquisada de Ciclo de Alfabetização (CA) possui apenas quatro salas de aula, em um prédio que fora anteriormente um posto de saúde municipal. Necessitando de reparos e manutenção, uma vez que, se trata de um imóvel antigo. A Unidade não possui espaço adequado para recreação das crianças e apresenta instalações precárias.

Nesse cenário o estudo apresenta-se como possibilidade de alcançar a qualidade desejada no processo de alfabetização, uma vez que, o acesso e a permanência dos discentes foram obtidos, contudo, carecemos ainda atingir a qualidade desejada nesse segmento de ensino. Por outro lado, falamos muito em conhecer a realidade do aluno. Mas como conhecê-la sem ouvir as vozes das crianças? Elas nos trazem uma bagagem que precisa ser aberta, desvendada e empregada no fazer do professor. Este estudo objetiva apresentar uma proposta de trabalho que vincula as narrativas infantis e a alfabetização.

A pesquisa realizada com base nos dados do Inep, nos revelaram o quadro do CA na referida rede, nos anos de 2014 e 2015, período escolhido devido aos vinte anos da implementação dessa proposta que iniciou-se em 1995. A seguir abordaremos o instrumento metodológico que se constitui em uma tecnologia tradicional, denominada Roda de Conversa.

A partir das narrativas infantis, realizadas em Rodas de Conversa (RC), demonstrada por Warschauer (2011, 2017) em sua obra “A Roda e o Registro”, apresentaremos nesse trabalho a atividade desenvolvida em uma turma do turno vespertino.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido com base em pesquisas bibliográfica tendo como aporte teórico Warschauer (2011, 2017), Mota (2014) e dados do Inep, observações em sala de aula, entrevista semiestruturada com os professores, com escrita em diário de campo e a efetivação inicialmente por parte da pesquisadora do instrumento metodológico Roda de Conversa (RC) nas turmas da escola lócus da pesquisa, quando trabalhou-se as narrativas infantis e o registro escrito.

As RC possuíam temas de escolha das turmas e professores e eram filmadas para que os vídeos fossem repassados em Grupos de Estudo aos docentes que se autoavaliaram e realimentavam as discussões e conseqüentemente contribuíram com a formação dos professores. Essa autoavaliação por meio de vídeos chamamos de autoscopia, que Larroca e Sadalla definem como:

(...) técnica de pesquisa e de formação que se vale de videogravação de ações de um ou mais sujeitos, numa dada situação, visando a posterior auto-análise delas. Em sua especificidade, a autoscopia supõe dois momentos essenciais: a videogravação propriamente dita da situação a ser analisada e as sessões de análise e reflexão. (LAROCCA & SADALLA, 2004, p. 421)

Este artigo também divulga o desdobramento de uma RC realizada pela docente em uma turma do terceiro ano de escolaridade, com o tema “Alimentação saudável”, sem a atuação direta da pesquisadora, que apenas a observou juntamente com a estagiária que compõe a equipe de pesquisa, evidenciando a apropriação da proposta pela professora e a autonomia docente.

Resultados e discussão

A rede municipal estudada implantou o Ciclo de Alfabetização no ano de 1995, após um longo período de discussão. A antiga Classe de Alfabetização (CA) passou a fazer parte do bloco de três primeiros anos de escolaridade (Mota, 2014) e as crianças não podiam ser reprovadas durante estes anos iniciais. Após dez anos da implementação desta política foi realizado um grande fórum promovido pela Secretaria Municipal de Educação com o objetivo de avaliar, junto aos professores, a proposta implementada, quando foi confirmada a necessidade de sua continuidade.

Mota nos recorda que:

No final dos anos 1980, mais especificamente, em 1986, o município de Duque de Caxias apresentava o alarmante índice de 46% de retenção na primeira série, quando ainda não havia Classe de Alfabetização (CA). Com a criação do CA, em 1987, a retenção ainda continuava nos mesmos patamares no primeiro ano e o CA apresentou uma retenção de 30% (MOTA, 2014, p.5).

Na Tabela 1, identificamos o número de alunos matriculados no Ciclo de Alfabetização nos anos 2014 e 2015, vinte anos após a sua implantação no referido município.

TABELA 1: ALUNOS MATRICULADOS

	2014	2015
1º ano	7,323	7,398
2º ano	7,606	7,378
3º ano	10,183	10,172

FONTE: Inep (inepdata.inep.gov.br)

Por entender a alfabetização como um processo, baseado nas teorias sociointeracionistas, o Ciclo de Alfabetização garante que na rede municipal em questão, não haja retenção por desempenho nos dois primeiros anos escolares, salvo os casos de faltas superiores a 25%, o que está previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96). O terceiro ano, último de escolaridade do Ciclo de Alfabetização, consente a retenção por baixo desempenho, mediante todas as estratégias pedagógicas esgotadas. O que explica o maior número de alunos matriculados nessa etapa, como podemos visualizar na Tabela 1. Abaixo podemos observar o percentual de discentes evadidos no bloco pesquisado:

TABELA 2: ALUNOS EVADIDOS

	2014	2015
1º ano	1.60	2.10
2º ano	1.10	1.20
3º ano	1.00	0.90

Fonte: Inep (inepdata.inep.gov.br)

No site do Inep (inepdata.inep.gov.br) essa tabela recebe o nome de “Taxa de abandono” e no glossário apresentado pelo instituto essa é definida como “percentual de estudantes da matrícula total que, num dado ano\serie, deixa de frequentar a escola durante o ano letivo”. Observamos que a porcentagem de alunos evadidos diminuiu consideravelmente ao compararmos com os dados apresentados por Mota (2014) sobre a evasão que acontecia nos anos de 1980. Podemos identificar que as políticas públicas voltadas para o combate

à evasão escolar, somadas à políticas de transferências de renda, contribuíram para minorar a evasão escolar, diminuindo os números históricos de exclusão escolar já no primeiro ano de escolarização, como concluiu a autora.

Nesse momento histórico, as discussões da academia a respeito da alfabetização, já havia chegado às escolas que realizavam formações continuadas com a temática e garantindo que a visão de alfabetização enquanto processo, fosse se ampliando gradativamente. Os estudos sobre a psicogênese da língua escrita, pautados nas pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985, 2001) permeiam os debates. Temos acesso portanto, à avaliação diagnóstica que percebe o erro com um outro olhar, bem como questionamentos que, até então, não faziam parte dos conhecimentos do alfabetizador.

Magda Soares sobre esse novo paradigma de alfabetização salienta que:

(...) a perspectiva psicogenética: alterou profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita – concepção presente nos métodos de alfabetização até então em uso, hoje designados “tradicional” – e passa a sujeito ativo capaz de progressivamente (re)construir esse sistema de representação, interagindo com a língua escrita em seus usos e práticas sociais, isto é, interagindo com material “para ler”, não com material artificialmente produzido para “aprender a ler”; os chamados pré-requisitos para a aprendizagem da escrita, que caracterizariam a criança “pronta” ou “madura” para ser alfabetizada – pressuposto dos métodos “tradicional” de alfabetização – são negados por uma visão interacionista, que rejeita uma ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção do conhecimento, na relação da criança com o objeto “língua escrita”; as dificuldades da criança, no processo de construção do sistema de representação que é a língua escrita – consideradas “deficiências” ou “disfunções”, na perspectiva dos métodos “tradicional” – passam a ser vistas como “erros construtivos”, resultado de constantes reestruturações. (Soares, 2004, p. 10)

Passados vinte e três anos da implementação do Ciclo de Alfabetização(CA), tal concepção continua a fazer parte da rede municipal pesquisada, dentro dos mesmos moldes iniciais e sobretudo, considerando a psicogênese da língua escrita.

Embora os dados apontem que o CA favoreceu a permanência desse público na escola, buscamos ainda a qualidade do ensino nesse segmento que é de extrema relevância na formação do estudante.

Este estudo se debruça em pesquisar as narrativas infantis pautadas no instrumento metodológico Roda de Conversa proposta por Warschauer (2011, 2017), como caminho para potencializar o processo de alfabetização. Salientamos que em seu primeiro livro *A Roda e o Registro*, a autora aborda a RC sendo composta por dois momentos a saber: a conversa e o registro escrito dos diálogos surgidos nessa interação.

A Roda de Conversa desenvolvida por Warschauer (2001) em sua obra, é caracterizada pela autora como a atividade que: “(...) constitui-se num momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador, o professor.” (Warschauer, 2001, p. 47)

Oportunizando às crianças a escrita espontânea gerada de temas que vão ao encontro dos interesses das mesmas.

Nesse dia iniciamos as gravações da Roda de Conversa no turno da tarde. Conversei previamente com as professoras a respeito, salientando que as

mesmas, estariam livres para desenvolvê-la, bem como poderiam utilizar o tema que achassem mais oportuno. (Registro de Diário de Campo, 1º de agosto de 2017)

A Roda de Conversa seria uma possibilidade para que a comunicação ocorra efetivamente, tendo os ensinamentos de Vygotsky (1988) como um dos pressupostos. Uma comunicação efetiva mediada pela linguagem falada que é enfatizada pelo autor quando diz:

A comunicação por meio de movimentos expressivos, observada sobretudo entre os animais não é tanto comunicação mas antes uma difusão de afeto. O ganso atemorizado que de súbito se apercebe do perigo e alerta todo o bando com os seus gritos não está dizendo aos restantes o que viu, antes está contaminando os outros com o seu medo (VYGOTSKY, 1988, p. 9).

Os demais são afetados pelo seu pânico, contudo, não sabem, até o momento de avistarem, o que realmente está ocorrendo, em razão de não ter havido a comunicação plena.

Outro ensinamento vygotskyano preconiza que o significado das palavras sofre alterações ao longo da história. E essas alterações também ocorrem no processo da

apropriação da linguagem pela criança. Marta Khol (2010), pesquisadora da teoria de Vygotsky, nos apresenta como exemplo a palavra lua, que inicialmente a criança pequena associa ao abajur e depois a distingue do objeto. Com o passar do tempo, irá aprender que a lua é um satélite que gira em torno da Terra. Dessa forma o conceito da palavra se transforma, aproximando-se dos conceitos estabelecidos pela cultura. Poderemos ter aí também um exemplo da conversão de conceitos espontâneos para conceitos científicos.

Os temas sendo de livre escolha, abrem um leque de possibilidades, não engessando assim, o fazer pedagógico que teriam também como um dos objetivos atingir os conceitos científicos. A professora da turma em questão trabalha o tema “Alimentação saudável”, que segundo ela surgiu após o horário do almoço, quando algumas crianças se recusaram a comer legumes e inicia-se um diálogo entre as mesmas sobre o que gostam ou não. A docente atenta às narrativas infantis, combina com o grupo uma RC sobre o assunto para o dia seguinte, solicitando que pesquisem em casa a respeito.

Aos poucos, percebe-se que a Roda de Conversa passou a ser uma atividade da rotina da escola e algumas, concomitantes à pesquisa, começaram a ocorrer a partir da iniciativa própria das professoras, tendo como base a narrativa infantil. (Diário de Campo, 05 de agosto de 2017)

No dia seguinte, conforme acordado com as crianças, a docente dispôs as carteiras em círculo com a ajuda do grupo, escreveu o tema no quadro branco e perguntou às crianças o que seria uma alimentação saudável.

Segue abaixo algumas das falas dos alunos, que evidenciam o conhecimento prévio sobre o assunto abordado:

“Eu como só besteira!”

“De tanto comer porcaria fiquei com cárie.”

“Mas se comer muito, fica gordo, né?”

Após o primeiro momento de conversa, a professora apresentou o vídeo “Os super heróis da nutrição” e o debate continuou, sendo que baseado em conhecimentos científicos apresentados pela docente, a coordenadora\mediadora da Roda.

Warschauer descreve a RC pontuando um de seus aspectos:

Uma característica do que estou aqui denominando de Roda é a de reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São muitas vezes atravessados pelos diferentes

significados que um tema desperta em cada participante. Esse momento significa estar ainda na periferia de uma espiral onde as diferenças individuais e as subjetividades excedem as aproximações. A constância dos encontros propicia um maior entrelaçamento dos significados individuais, a interação aumenta e criam-se significados comuns, às vezes até uma linguagem própria. Sinto este momento como a fecundação geradora de vida. Do encontro, nasce o ovo. Das intersubjetividades nasce o grupo. Encontramo-nos na célula central da espiral. (Warschauer, 2011, p. 46)

O momento do registro foi composto por duas etapas: o primeiro concomitante à RC, quando as crianças ao serem solicitadas pela docente, iam escrevendo no quadro branco os alimentos que eram considerados saudáveis e os não saudáveis em uma tabela. Na segunda fase, a professora distribuiu folhas de ofício para que os alunos escrevessem espontaneamente, construindo uma história com base em tudo que foi conversado na RC.

Conclusão

A escola pesquisada possui uma clientela de periferia da Baixada Fluminense com pouco acesso à cultura e ao lazer. As crianças têm na escola a possibilidade de conhecer o mundo letrado. A valorização das narrativas infantis articulada à metodologia sugerida por Warschauer (2011, 2017), vislumbra para os professores do Ciclo de Alfabetização a chance de contextualizar os conhecimentos desenvolvidos em sala de aula.

Sabemos que o acesso à escola e a permanência nos bancos escolares estão sendo assegurados, contudo necessitamos ainda lutar por uma escola efetivamente cidadã, onde a participação dos alunos nessa construção, possa propiciar uma educação mais democrática e portanto, igualitária. A RC que se constitui de linguagem oral e registro escrito viabiliza à criança essa comunhão de ambos os saberes se apresentando assim, como um dos instrumentos nessa construção. A atividade apresentada nesse trabalho nos aponta a escuta atenta de uma docente que se desdobra em um fazer pedagógico que respeita e considera os conhecimentos prévios do aluno. Os registros funcionam como a consolidação e aprimoramento desses conhecimentos que favorecem a passagem dos conhecimentos espontâneos para os científicos.

Da palavra dita à palavra escrita no quadro branco e ao texto na folha de ofício ocorre a reflexão, desafios e interação necessários para a formação do leitor e escritor crítico. As vozes da criança registradas e esses registros servindo como base no processo lecto-escrito favorece a aquisição com qualidade da linguagem escrita, propiciando a escrita espontânea e a reflexão crítica.

Referências bibliográficas

BRASIL, Presidência da República. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

KOLL, Marta de Oliveira. Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010.

MOTA, Maria Océlia. Os desafios das políticas de avaliação e ciclos no combate ao fracasso escolar..Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação:III CONAVE.Bauru.CECMCA/UNESP, 2014,PP.1-14.(ISBN)

SADALLA ARAGÃO, Ana Maria Falcão de; LAROCCA, Priscila. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. Educação e Pesquisa, v. 30, n. 3, 2004.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.25, Abr, 2004.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

WARSCHAUER, Cecília. A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. 3 ed. São Paulo: Paz e terra, 2001. 238 p.

WARSCHAUER, Cecília. Rodas em Rede: Oportunidades Formativas na Escola e Fora dela. 1 ed. São Paulo: Paz e terra, 2017.